

Covas nada para não 'morrer na praia'

CRISTIANA MENDES LÔBO

BRASÍLIA — Detentor, entre todos os candidatos, do segundo menor índice de rejeição nas pesquisas eleitorais e reconhecido como um dos mais preparados, Mário Covas corre o risco de chegar ao fim da eleição como o time do América do Rio — segundo no coração de todos, mas sem força para chegar em primeiro (“nada, nada e morre na praia”). As principais lideranças do PSDB perguntam o que está ocorrendo com seu candidato. De um lado, o comando da campanha se queixa do pouco engajamento do partido; e de outro, os parlamentares esperam que Covas transmita mais emoção em suas apresentações na TV, para capitalizar votos nas classes C, D e E.

No início da campanha, os “tucanos” reclamavam que o Senador Mário Covas tinha acesso restrito à mídia eletrônica e prometiam que, quando começasse o horário eleitoral gratuito, ele se destacaria — o que não está acontecendo.

— O uso da televisão não é mágico. Os candidatos estão aparecendo mais ou menos iguais. Os recursos técnicos usados são muito parecidos. É preciso diferenciar o nosso candidato — esclareceu um dos coordenadores da campanha.

Na verdade, durante todo o período eleitoral o PSDB vem cometendo erros que prejudicam Covas. O primeiro foi não capitalizar o clima vivido no princípio do ano, quando o nome do Senador era apontado como solução para o País. Depois das vitórias do PT e do PDT nas eleições municipais, a avaliação era a de que o eleitorado brasileiro estava “esquerdizado”. Dentro desse enfoque, Covas, um político de centro-esquerda, poderia ser a solução. Mas a “patrulha ideológica” dos setores de dentro do próprio PSDB impediu qualquer entendimento nesse sentido.

O segundo erro — o mais grave na avaliação dos próprios “tucanos” —

foi o fato de o PSDB ter ficado à espera de uma implosão do PMDB, o que nunca ocorreu. Bem ou mal, o partido de Ulysses contornou a crise e não se espatifou tanto quanto se esperava. Isso paralisou os “tucanos”, gerou uma enorme frustração e esfriou a militância do PSDB.

Entre maio e junho, o que mais irritava Mário Covas era uma pergunta que ele era obrigado a responder diariamente: “Por que sua candidatura não decola?”. No começo de julho, houve mais um tropeço na campanha. Para ampliar o leque da candidatura, recolhendo apoios à direita, Covas foi convencido a fazer um discurso no Senado, quando falou da necessidade do “choque de capitalismo” para recuperar a economia. Até hoje, em palestras para plateias restritas, é obrigado a explicar esse discurso.

Dentro da estratégia de conseguir mais apoio, o PSDB lutou com todas as forças para ter um candidato a Vice-Presidente à direita de Covas. O escolhido foi o ex-Governador de Pernambuco Roberto Magalhães. Sua presença na chapa dos “tucanos” não durou 20 dias e sua renúncia abriu mais uma ferida na campanha, superada às pressas com a indicação do Senador Almir Gabriel, cujo nome vinha sendo discutido pelo partido antes mesmo de aparecer o de Magalhães.

Depois de uma espera ansiosa, que durou meses, houve finalmente — no começo de setembro — a adesão do Governador do Ceará, Tasso Jereissati. Um apoio político importante no Nordeste, aumentado pelas ligações de Jereissati com empresários paulistas. O Governador deu novo ânimo à campanha dos “tucanos”, mas em seguida embarcou para uma viagem de 20 dias no exterior. Em seu lugar, no comando da campanha no Nordeste, ficou o Secretário de Governo, Sérgio Machado. Nos últimos dias, Machado tornou-se um dos principais conselheiros do candidato.